«Sempre depositei nos meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa. Não sei o que são problemas puramente intelectuais.»

NIETZSCHE

Índice

Prólogo — «O tempo é de chuva e de homilia» (Théophile Gautier) 11

PARTE I

ACERTAR O RELÓGIO DESREGULADO PELO FEMINISMO

1. Após as campanhas #balancetonporc e #metoo, regresso à questão 25

A fábrica de vítimas 26
«Não tenho a menor intenção de libertar a minha palavra» — *(Yasmina Reza)* 28
O Corvo 2.0 ou a indiscrição planetária 31
Emancipação, com que objectivo? 33
A bela ou o monstro. O bestiário feminista e a concorrência vitimária 37
As *fake news* do feminismo 39
A educação sentimental: palavras para expressar o desejo 46

2. A que dá nome o feminismo? 49

Feminismo ou neofeminismo? 49
O feminismo, uma ideologia 53
Mulheres, a dominação masculina não chega para tudo! 56
Elefantes numa loja de porcelanas 62
Conversão do feminismo francês ao feminismo americano: entrada na idade identitária 65

3. O islamofeminismo 73

A baralhar as coisas: a praça do Panteão 73
A estratégia da negação: Colónia e La Chapelle-Pajol 76
O feminismo, um agente do separatismo 83

4. Acabará a cidadela por cair? 89

Polegarzinho, vítima dos homens, ou o feminismo 2.0 90
Não bebe, não fuma, não engata... mas publica tuítes 91
O feminismo: última grande narrativa para os órfãos da esquerda 93
Terá futuro um homem que gosta de mulheres? 95
Homens, não nos deixem sozinhas com as mulheres! 96

PARTE II
AS NOVAS INQUISIÇÕES

De Yvette Roudy a Marlène Schiappa 101

1. A obsessão textual 105

As lavadeiras da língua 108
Donde doutamente se conclui: é por isso que as nossas filhas não são bombeiras 111
A mulher? Um cão de Pavlov que só reage a sinais sexuados!... 113
Os homens e as mulheres são belos/belas... 116
Apologia do masculino que prevalece... 118

2. A obsessão sexual. Assédio sexual: do que estamos a falar? 123

O engate, vício que passa a ser punido 125
Consentimento... consentimento... E quem se preocupa com o dos homens? 128
Obsessão e execração da sexualidade (heterossexual) 129
Deserotizar as relações entre homens e mulheres 132
Limite de tolerância 136
Números perturbadores. A empreitada de requalificação 137
As mulheres e o imaginário masculino 140
As mulheres no espelho dos homens 143
«O meu corpo pertence-me» 144

3. Neopuritanismo e nova ordem moral 147

O puritanismo feminista ou o medo da carne 147
Um exemplo edificante: os frescos das salas de pausa hospitalares 150
Em nome das mulheres, apertar os laços do espartilho moral.... 155

4. Iconoclastia feminista e depuração cultural 159

Balthus, Bizet, Homero, a mitologia grega, Velázquez... febre depuradora e revisionista 159
O feminismo, escola de embrutecimento 164
O tribunal dos flagrantes delitos 169

Epílogo — E se o riso nos tiver abandonado? 173

PRÓLOGO

«O tempo é de chuva e de homilia»
(Théophile Gautier)

Nada de novo. Acabamos por nos acostumar. Não se passa um mês, uma semana, um dia sem que, do alto da sua cátedra, as forjas do bem-pensar nos preguem um novo sermão.

Assim, no período que antecedeu a grande mobilização a favor das mulheres, encontramos um saboroso florilégio de tais prédicas. No final do mês de Agosto de 2017, no dia 29, baseando-se no tratamento mediático dos acontecimentos em Charlottesville, nos Estados Unidos, desencadeados pela decisão de derrubar a estátua do general segregacionista Lee, o presidente do Conseil Représentatif des Associations Noires de France (Cran), Louis-Georges Tin, publicava no jornal *Libération* um artigo intitulado «Às vezes, os vossos heróis são os nossos carrascos» — o «às vezes» era figura de retórica de Tin: «Os vossos heróis são os nossos carrascos», dizia o texto. Éramos intimados a reconhecer a nossa complacência para com os «negreiros», e os nossos edis eram obrigados a empreender uma vasta política de depuração urbana: desbaptizar as ruas e as instituições que continham vestígios desse passado, derrubar as estátuas, e entre os alvos visados pelo militante destacava-se um nome, o de Colbert, a respeito do qual Tin só sabia e só queria saber uma coisa — que fora o instigador do Código Negro e o criador da Companhia das Índias Ocidentais: «Qual dos dois países é mais

problemático», finge interrogar-se Tin, «aquele onde há um conflito em torno da estátua de um general esclavagista ou aquele onde há uma estátua de Colbert e uma Sala Colbert na Assembleia Nacional, uma Ala Colbert no Ministério da Economia, escolas Colbert, além de dezenas de ruas e avenidas Colbert, sem que se manifeste o menor conflito, o menor desconforto, o menor embaraço?»

No dia 17 de Setembro, certamente por julgar que o seu artigo não recebera o eco merecido, o presidente do Cran reincidia publicando, com o filósofo Louis Sala-Molins, no jornal *Le Monde*, um apelo dirigido ao Ministério da Educação francês, assinado por um punhado de personalidades (como a filósofa Catherine Clément, o futebolista Lilian Thuram ou o jornalista Harry Roselmack), desta vez com uma única palavra de ordem: «Desbaptizemos as escolas chamadas Colbert!»

Na semana seguinte, em 21 de Setembro, por ocasião da estreia do filme *Gauguin: Viagem ao Taiti*, a revista *Jeune Afrique* publicava no seu *site* um artigo, rapidamente difundido pelas redes sociais e pelo diário *Le Monde*, que punha em causa o silêncio do realizador acerca da natureza das relações sexuais do artista, prova, segundo o jornalista, da «dificuldade dos franceses em pensar a violência nas suas antigas colónias». Os leitores eram incitados a lavar-se do pecado da pedofilia, do qual, à semelhança do pintor, se teriam tornado culpados nas antigas possessões do Pacífico, ao casarem-se com raparigas de treze ou catorze anos.

E em 5 de Outubro rebenta o caso Weinstein. Oitenta mulheres apresentam queixa contra o produtor de cinema americano por agressão sexual e violação. Aureolado com a autoridade moral do progressista, amigo de Barack Obama e Hillary Clinton, o visado é frequentador habitual do Festival de Cannes, amigo dos realizadores e dos actores franceses, cujos filmes divulga nos Estados Unidos. Este «escândalo sexual» poderia ter chamado as atenções durante algum tempo, mas depois extinguir-se. Porém, a história ganha outro desenvolvimento. No dia 13, uma jornalista francesa instalada nos Estados Unidos, Sandra Muller, publica um tuíte a exortar as mulheres a «denunciar o seu porco»: «#balancetonporc!! [#denunciaoteuporco!!] conta tu também, dando o nome e os pormenores de um assédio sexual vivido

no trabalho. Fico à espera.» Algumas horas mais tarde, ela mesma revela o nome daquele a quem chama «carrasco», por lhe ter dito: «Tens umas grandes mamas. És o meu tipo de mulher. Vou-te dar prazer a noite inteira.» O homem não acrescentara nada, não tentara nada, não passava de um «agressor verbal», conforme confessava a própria jornalista. O episódio era antigo, mas, se só lhe vinha à memória agora, era porque aquelas frases tinham criado nela nada mais nada menos que uma «falha espaciotemporal»!

No dia 15, uma actriz americana, Alyssa Milano, também vem pedir testemunhos: «Se todas as mulheres vítimas de assédio ou agressão sexual escreverem 'me too' ['eu também'], talvez se ganhe consciência da dimensão do problema.»

Dois *hashtags*, e as redes sociais incendeiam-se. A contaminação é mundial. Declara-se aberta a caça aos homens e, de Londres a Berlim, de Madrid a Estocolmo, de Roma ao Rio de Janeiro, cada mulher dá o seu «testemunho».

De forma virtual, exclusivamente pela graça da tecnologia, parece formar-se uma grande Internacional das Mulheres — digo «parece» porque não se trata das mulheres no seu conjunto, mas de mulheres que publicam tuítes, mulheres pertencentes a determinada geração, e isso é decisivo; o feminismo 2.0 ou, segundo a inspirada formulação de uma jornalista, o feminismo *tuiteridiano* exige ser pensado na sua especificidade. Voltaremos a este ponto mais à frente.

A campanha podia ter-se limitado às redes sociais, mas o carácter simultâneo e transfronteiriço das réplicas produz uma forte impressão e, num grande número de países, os *media* tradicionais decidem dar-lhe um eco inédito. Foi assim que a França mediática e das grandes cidades — e não a França na sua totalidade[1], contrariamente à impressão que a partir de Paris se possa ter — se acertou pelo ponteiro da violência-contra-as-mulheres. Programas televisivos e radiofónicos, imprensa escrita, os jornalistas emocionam-se, indignam-se... Com todo o zelo, transmitem a «palavra» daquelas a

---

[1] Sondados acerca das campanhas #metoo e #balancetonporc em 23 de Janeiro de 2018 pelo jornal diário *La Croix*, 37 por cento dos franceses dizem não saber do que se trata.

quem teimam em chamar «vítimas», quando não passam de queixosas — a jurista Irène Théry reclamava, quando do caso Dominique Strauss-Kahn (DSK), uma «presunção de verdade» a respeito de todas as mulheres que se queixassem de ter sido vítimas de brutalidade masculina; parece que acabou por ser ouvida. A razão, o espírito crítico, ou seja, o espírito de análise, abdicam e cedem terreno à emoção. Impressionante ilustração daquilo a que a universitária Ingrid Riocreux chama «fábrica mediática do consentimento»[2] e da missão evangélica de que se julgam investidos os jornalistas.

A causa era boa e bela. E no caso de Harvey Weinstein, encontrara-se o «culpado» ideal. Podia-se emitir um mandado de captura sem correr o risco de se ser acusado de extremismo, isto é, de se ser acusado de racismo antimuçulmano ou de islamofobia. O retrato-robô do predador reflecte a imagem do produtor americano: procura-se homem branco, americano, heterossexual, ocidental, com mais de cinquenta anos e judeu; e se for de direita, a causa será ainda mais inatacável. Dilema no caso contrário, como se pôde ver com Bertrand Cantat. Grande consciência da esquerda no tempo do grupo Noir Désir, em 2003 assassino da companheira, Marie Trintignant, as veleidades do cantor em actuar em público encontram a oposição de algumas associações que combatem a violência contra as mulheres. «Teria sido tão mais fácil se fosse um tipo velho e feio de direita, confessava um grupo que exigia a anulação de um concerto que devia realizar-se em Grenoble. Nesse caso os organizadores de esquerda teriam tido certamente menos dificuldade em condenar o regresso dele aos palcos.»[3]

Todos somos, individual ou colectivamente, convocados a fazer um exame de consciência, a reconhecer a nossa cegueira, o nosso silêncio perante abusos masculinos pretensamente generalizados. Os responsáveis de grandes instituições sobem a parada: Martin Hirsch, que tornaremos a encontrar mais à frente, corroborando as afirmações

---

[2] Ingrid Riocreux, *La Langue des médias: destruction du langage et fabrique du consentement*, L'Artilleur, Éditions du Toucan, 2016.

[3] *Site* do Cric, 6 de Março de 2018, <https://cric-grenoble.info/infos-locales/article/appel-a-rassemblement-pour-dire-non-au-concert-de-bertrand-cantat-392>.

da ministra da Saúde, confirma que há um «problema» de assédio sexual nos hospitais — mas onde não haveria um «problema»?

A esquerda cultural dá por si a sonhar com uma «revolução». Reencontra as entoações líricas de outrora. «E se 2017 fosse um verdadeiro 'ano-charneira'?», pergunta Laurent Joffrin em 29 de Dezembro, na conclusão do seu editorial no *Libération* em forma de balanço daquele ano. «A insurreição verbal dos *hashtags* 'balancetonporc' e 'metoo', na esteira do caso Weinstein, constitui uma ruptura mundial para a condição feminina», entusiasma-se Joffrin. «Ela deixa entrever um vasto pânico planetário dos machistas e um progresso inédito da dignidade nas relações entre homens e mulheres, o que muda a sociedade. O método é robusto, e pode-se criticar as suas modalidades. Mas, no fim de contas, não deixa de anunciar uma libertação.» Como nos bons velhos tempos do comprometimento, assinam-se petições, ostentam-se laços brancos na cerimónia de entrega dos prémios César; «o medo deve mudar de campo», exulta-se! Nada será como dantes, prometem-nos. «A sociedade tem de se reinventar», é preciso «mudar as mentalidades», «reeducar os homens». A França e a sua pretensa galantaria são coisa do passado.

Ao longo desta campanha, consegue impor-se uma visão de pesadelo da condição das mulheres no século XXI, e não de quaisquer mulheres, mas das mulheres ocidentais. «Acima de tudo, não devemos imaginar que já está, que conseguimos», brada a directora do Fundo Monetário Internacional, Christine Lagarde. E sem a menor vergonha, depois de referir as humilhações que ela própria teria sofrido por parte dos homens, compara a sorte das actrizes americanas com a das meninas africanas que contraem sida em relações sexuais forçadas.

Estas confissões generalizadas e este nauseabundo ajuste de contas visam solidificar nos espíritos a ideia de que, longe de ser uma excepção, Weinstein é a verdade do macho. Onde quer que estejam, quem quer que sejam, qualquer que seja o seu estatuto social, as mulheres são uma presa dos homens, objectos de humilhação, de dominação, da sua violência. A constituição de um «nós» é uma das principais implicações do momento. Nós, mulheres, face a eles,

homens. Regressa triunfalmente o tema da «sororidade», em voga nas fileiras feministas da década de 1970, adeptas das secções não mistas.

O homem seria, por natureza e culturalmente, um predador; e a mulher, a sua eterna vítima, destinada a assim permanecer se não forem tomadas medidas mais drásticas do que as tomadas até agora. De forma absolutamente fantasista, sem outra fonte que não seja ela mesma, a sua calculadora e a sua mente geométrica, mas consciente da autoridade conferida pelos números — «única arma capaz de impressionar na nossa época», como dizia Hannah Arendt —, a militante feminista Caroline De Haas, fundadora do movimento Osez le Féminisme!, declara: «Um homem em cada dois ou três é um agressor.» Ora, se um homem em cada dois ou três é um agressor, então — pede-nos ela, impaciente, para concluir — os agressores estão em todo o lado: não há sítio em que as mulheres estejam protegidas, nem mesmo, e talvez até menos, no seio da família, onde a exposição ao perigo se revela máxima. *Quod erat demonstrandum*. «Lógica infalível», proclama orgulhosamente a feminista, exultando perante a ideia de dissipar a confiança reinante entre os dois sexos.

A técnica está bem oleada: recorrer a um caso particular — Dominique Strauss-Kahn, Harvey Weinstein ou qualquer homem que tenha matado a companheira ou a mulher — e dele tirar conclusões gerais e universais acerca da natureza masculina e da sexualidade heterossexual, denunciada como fundamentalmente cruel para as mulheres. Daí o apelo para o reforço do arsenal penal e para a necessidade de ver a sedução como uma máscara da violação. No contexto do caso DSK, irritado por esta retórica ensurdecedora, Michel Delon, especialista do século XVIII e da libertinagem, observava judiciosamente que quando Beaumarchais, em *As Bodas de Fígaro*, põe em causa o antigo direito de pernada dos poderosos, não é para apelar para a repressão e a criminalização da sexualidade heterossexual, mas sim para «melhor cantar o turbilhão de desejos incarnados por Querubim»[4].

---

[4] Michel Delon, *Le Principe de délicatesse. Libertinage et mélancolie au XVIII*e *siècle*, Albin Michel, 2011, p. 15.

Quanto à França, pátria tão orgulhosa das suas tradições no domínio das relações entre homens e mulheres, tão orgulhosa da sua galantaria, da sua afectação, da sua libertinagem... julgavam que era excepção? Todo o planeta acabará por ser informado de que a França não é, contrariamente à sua reputação, um país acolhedor para as mulheres, para as mulheres *e* os homens, para as mulheres *com* os homens. Recorde-se que, em Novembro de 2015, após a carnificina islamista das esplanadas do 10.º e do 11.º *arrondissement* da capital, a mistura dos sexos era celebrada como uma componente essencial da arte de viver à francesa. A galantaria como especificidade francesa estaria na origem da nossa servidão voluntária para com os homens e as suas vilezas, senão mesmo para com os seus crimes. A acusação já se tinha amplamente difundido por ocasião do caso Dominique Strauss-Kahn: em França, a violência masculina avançaria tanto mais dissimulada, em comparação com os outros países, quanto se revestiria dos adornos da galantaria, do jogo da sedução. Assim, o Ingénuo de Voltaire, o Hurão, não seria sincero no amor e nas maneiras galantes que manifesta para seduzir a senhorita de Saint-Yves: só os adoptaria para melhor dissimular o bárbaro que essencialmente era e a que se daria rédea solta depois de ter vencido a inocente e demasiado confiante rapariga.

As associações feministas já só tiveram de plantar a bandeira da vitória. Há décadas que se esforçavam por impor uma representação vitimária da mulher, por fomentar uma guerra dos sexos e por vilipendiar os costumes franceses, mas desta vez, como prova do seu triunfo ideológico, não precisaram sequer de intervir.

Há tempos em que o discurso público dissimula mais o real do que o revela. Tempos classificados por Hannah Arendt, remetendo para um poema de Bertolt Brecht, como «tempos sombrios». Aparentemente, a «palavra libertada» pelos *hashtags* «metoo» e «balancetonporc» partilham da mesma natureza.

Soterrada por uma avalancha de palavras, a frágil realidade tem mais dificuldade do que nunca para chegar à superfície. Os serviços de verificação de que tanto se orgulham os *media* e outras instâncias

incumbidas de desmentir as *fake news* não se atrevem a fazê-lo. Ora, tratou-se de um grande momento de mistificação. Informações desprovidas do menor fundamento foram erigidas como verdades incontestadas e incontestáveis.

A novilíngua do feminismo tornou-se a língua oficial. Bem pensar, bem falar, é pensar e dizer a condição das mulheres segundo as categorias elaboradas pelas neofeministas. Assédio sexual, assédio de rua, insulto sexista, violência contra as mulheres/flagelo social, libertação da palavra, cultura da violação, patriarcado, virilidade...: instalou-se todo um pronto-a-pensar que ninguém está autorizado a questionar, ou melhor, e talvez seja o mais grave, que a ninguém — ou quase — ocorre questionar.

E se estas categorias forjadas no arsenal das feministas americanas, em vez de nomear realidades, em vez de as revelar, em vez de permitir a sua tomada de consciência, tal como nos repetem à saciedade, as fabricassem?

Estes discursos, peremptórios, tendem a criar perturbação na mente dos nossos compatriotas: mesmo que as suas vidas não se assemelhem às vidas incessantemente descritas pelos *media*, o que podem replicar a tais números? Eles existem, são estabelecidos por institutos fiáveis como o Ipsos. Os jornalistas divulgam-nos, os políticos levam-nos tão a sério que legislam energicamente. Só que há uma questão que nunca é formulada, ou então é-o de forma tão rápida e superficial que a resposta permanece inconsequente: de que estamos a falar? É esta questão que nos ocupará ao longo do presente ensaio.

Há cinquenta anos, os nossos progressistas exaltavam o desejo; hoje, trancam-no numa jaula. Em Maio de 68, as mulheres reclamavam o direito de ter prazer em pé de igualdade com os homens, na mesma inocência, na mesma despreocupação que eles; em 2018, acaba-se a euforia, a carne revela-se triste e as feministas entendem convencer-nos de que as mulheres não aspiram a nada mais do que ser libertadas dos homens, dos seus olhares, do seu imaginário erótico, das suas fantasias. Em 1975, Michel Foucault publicava *Vigiar e Punir*, e quarenta anos mais tarde os seus discípulos regimentam as nossas vidas com leis e permitem-se penetrar

em todos os recantos das nossas vidas privadas, inclusivamente nas alcovas. Em 1943, Lauren Bacall ensinava a Humphrey Bogart a arte de assobiar: «*You know you don't have to act with me. You don't have to say anything, you don't have to do anything. Not a thing. Maybe just whistle. You know how to whistle, don't you, Steve? Put your lips together and blow.*»[5] Actualmente, um homem que assobie a uma mulher é passível de multa por «insulto sexista».

O maior símbolo da libertação sexual é o Maio de 68. Passámos de Caríbdis para Cila, de uma sexualidade e de um desejo exaltados sem restrições para uma sexualidade ensombrada pelas feministas. Se os primeiros pecaram por defeito — pois o sexo não deixa de ter zonas de sombra —, os segundos pecaram por excesso — o sexo já só é um abismo.

O filósofo Allan Bloom dizia do feminismo americano que, a partir da década de 1970, «desempenhou o papel de um sedativo sobre o humor báquico da revolução sexual». Há algo desta ordem na emergência do neofeminismo em França. Na década de 1990, o humor já não se inclinava para os bacanais, mas ainda não pendera para a pudicícia e para a criminalização do desejo masculino. De forma muito sugestiva para nós, Bloom faz da revolução sexual um 14 de Julho preso entre o fim do Antigo Regime e a instauração de um regime de Terror.

O que nos aconteceu? Como passámos a ver com suspeição, obsessão e repugnância tudo o que se relaciona, de perto ou de longe, com a sexualidade?

Compreenda o leitor que, ao falar a novilíngua feminista, ao adoptar o seu vocabulário e a sua sintaxe, ao aprovar (como parece ser o caso, a julgar pelos centros de sondagem) a decisão de legislar contra o «assédio de rua», os «insultos sexistas», está a deixar-se levar e, ao mesmo tempo, a tornar-se o braço armado de uma ideologia que utiliza o tema da violência contra as mulheres para acelerar o advento de um modelo de sociedade.

---

[5] «Tu sabes que, comigo, não precisas de representar. Não precisas de dizer nada, não precisas de fazer nada. Rigorosamente nada. Talvez apenas assobiar. Sabes assobiar, não sabes, Steve? Junta os lábios e sopra.»

Não receio falar de álibi. Estas campanhas orquestradas contra a violência masculina têm dois objectivos muito claros: vigiar e punir cada vez mais os homens, e fazer caducar uma civilização que exalta a dualidade, a polaridade dos dois sexos, reputada pela arte da mixidade e da erotização das relações entre homens e mulheres, mas que não deixa de saber subtrair uns e outros à sua identidade sexual em certas esferas da existência. Em suma, uma civilização que soube explorar todos os recursos do homem e da mulher como *alter ego*, sublinhando ora a alteridade (outro além do eu) ora a similitude (outro eu). A nossa arte da mixidade dos sexos e o nosso ideal republicano do universal devem, assim, combater em duas frentes, contra as feministas e contra os islamistas. Com as primeiras a aliar-se de bom grado aos segundos. Juntos, esforçam-se por destruir este modelo único, sem equivalente, renitente à guerra dos sexos, ao comunitarismo, à guetificação.

Em que mundo o feminismo pretende fazer-nos viver? Trata-se de um projecto de sociedade; e embora seja proibido ou pouco recomendado atrevermo-nos a pô-lo em causa, é muito incerto que o mundo com que ele sonha seja o melhor dos mundos possíveis. Estamos perante duas antropologias, duas propostas existenciais, e o objectivo deste ensaio é expô-las. Cabe ao leitor, em última instância, optar por aquela que lhe pareça mais aprazível.

O feminismo ataca a nossa herança, acusada de ser falocrática, dominadora, inimiga das mulheres. Como se pode, com tal ligeireza, com tal despreocupação, instruir o processo de uma civilização tão pródiga em maravilhas? A partitura que a França compôs sobre o tema, universal, das relações entre homens e mulheres é um dos nossos tesouros, uma das nossas excepções. Balzac dizia que há tanto mais prontidão a sacrificar-se uma herança, a «renegá-la», quanto maior for a sua incompreensão... Quero acreditar que há muita ignorância e incompreensão neste afundamento voluntário.

Pátria da galantaria, da libertinagem, pátria literária, essa é a nossa reputação, quando outros se destacam pela sua economia... Como franceses, temos uma tarefa, um dever até. Suscitamos a curiosidade, a indignação, mas também a admiração: leia-se a imprensa internacional no dia a seguir à publicação do manifesto das cem mulheres

no *Le Monde*: na Europa, inclusivamente nos Estados Unidos, alguns contam connosco para não ratificar o abandono do nosso modelo, para resistir ao feminismo repressivo, puritano, para preservar a arte de viver que constitui o nosso génio. «Após a leitura desse texto», escrevia uma jornalista do *Die Welt*, «todos aqueles que julgaram ter enlouquecido nos últimos três meses puderam finalmente soltar um suspiro de alívio.» Em resumo, a nossa reputação está, ao que parece, salva: saberemos mostrar-nos à altura? Lembremo-nos das palavras de Rabaut Saint-Étienne em 1789: «Nação francesa, não foste feita para seguir exemplos, mas sim para dá-los.»

O que significa a nossa reputação de nação libertina? Uma nação que não se deixa intimidar pelo desejo. Complacência para com os homens, como nos acusam felizes as feministas americanas? De modo nenhum! Deleite partilhado! As mulheres não fazem uma concessão aos homens ao viver, ao trabalhar, ao conversar, ao fazer amor com eles. As mulheres, pelo menos as francesas, não desejam minimamente e nunca desejaram viver entre si, longe dos homens, separadas deles. Temos de o repetir incansavelmente.

«O verdadeiro desespero», dizia Camus, «não nasce perante uma adversidade persistente, nem no esgotamento de uma luta desigual. Nasce quando deixamos de perceber porque lutamos, de não sabermos se devemos mesmo lutar.» O meu intuito é apresentar razões para lutar. A resistência não deve ser passiva, daí ter escrito este livro.